

Confinamento de animais nos currículos de Ciências e Biologia

Animal confinement in Science and Biology curriculum

Túlio Vieira dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
vieiratulios@hotmail.com

Maria Margarida Pereira de Lima Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
margaridapl.gomes@gmail.com

Resumo

O trabalho se propõe a compreender como a comunidade discursiva do ensino de Ciências e Biologia vem construindo espaços de confinamento para animais. Para essa discussão, conta-se com a análise de produções bibliográficas a partir das quais emergem cinco categorias-espaciais: ecológico, profilático, quantitativo, experiencial e teórico/prático. Considera-se que, se tratando de animais humanos ou não, esses têm sido normalizados e forjados por discursos que circulam em práticas pedagógicas. Em diálogo com teorizações curriculares sobre a política espacial e a alquimia das matérias escolares, são tecidos comentários sobre os diferentes padrões históricos que se associam e constroem princípios que governam o que se pode dizer, pensar e fazer entre animais no ensino.

Palavras chave: uso de animais, currículo, alquimia das matérias escolares, ensino de Ciências e Biologia

Abstract

This work aims to comprehend how the discursive community of Science and Biology teaching has been building confinement spaces for animals. For that, there is an analysis of bibliographic productions from which five categories-space emerge: ecological, prophylactic, quantitative, experiential and theory/practice. It is considered that, whether dealing with human animals or not, these have been normalized and forged by discourses that circulate in pedagogical practices. In dialogue with curriculum theorizations about the space policy and the alchemy of school subjects, comments are made on several historical standards which associate to one another and build principles that rule what can be said, thought and done between animals in the process of teaching.

Key words: animals' use, curriculum, alchemy of school subjects, Science and Biology teaching.

A política espacial curricular e a alquimia dos animais

“... se os animais não têm alma, no limite é possível que os homens também não a tenham.” (FAUSTO, 2017, p.190)

Este trabalho apresenta um exercício de análise que versa sobre a maneira como animais vêm sendo confinados por práticas pedagógicas de Ciências e Biologia. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades dessa análise, expomos resultados preliminares de um estudo situado no campo curricular¹. As questões que aqui são apresentadas reverberaram-se de estudos sobre o uso prejudicial de animais no ensino (PAIXÃO, 2001; GREIF, 2003; LEVAI, 2010; KONFLANZ, 2014; TRÉZ, 2015). No entanto, a preconização de categorias sobre uso de animais² já proposta e a sua discussão quase restrita ao Ensino Superior (SANTOS, 2018) nos incitou a propor um deslocamento para que possamos assumir os currículos escolares nessa arena.

Esse deslocamento para a compreensão das questões relacionadas ao uso de animais no ensino se dá inspirada nos sussurros teóricos do campo da História do Currículo. As proposições e estudos curriculares de Thomas Popkewitz (2001) sobre a política do espaço e a alquimia das matérias escolares têm guiado o nosso olhar sobre a participação de animais outros que humanos em práticas pedagógicas. A perspectiva da política espacial reconhece que o ensino elabora espaços de confinamento por meio de normas pedagógicas e psicológicas, a serem alcançadas, que produzem definições e diferenciações. Esse espaço não é entendido como físico, mas sim, como um espaço construído por discursos que historicamente circulam na educação para forjar qualidades e capacidades (POPKEWITZ, 2001).

Podemos pensar a política espacial relacionada ao modo como as práticas pedagógicas encerram e confinam animais. Esse confinamento diz respeito à maneira pela qual, ao longo de um contínuo de valores esperados, esses animais são comparados e separados por meio de práticas linguísticas que percorrem o contexto escolar. Esse espaço discursivo, produzido em meio a discursos sobre aprendizagem, natureza, experimentação e outros, garante limites para ver e agir em relação aos animais que o habitam. Dessa maneira, é construída uma grade a partir da qual o professor, a criança e os outros animais são ‘vistos’ e se ‘veem’.

Imbricados aos espaços de confinamento estão os processos de construção do conhecimento das disciplinas escolares. A transformação de um conhecimento construído a partir dos saberes de referência para uma chegada a-histórica na escola é chamada de *alquimia das matérias escolares* (POPKEWITZ, 2001). O foco está em reconhecer a importância dessa “transformação” do conhecimento nos padrões de controle da educação. Em outras palavras, se trata de indagar a maneira como campos disciplinares vêm sendo traduzidos em modelos curriculares que ordenam a instrução (LIMA e GIL, 2016).

Assim, podemos dizer que há uma alquimia da “matéria” da física que a fragmenta, por exemplo, em categorias de “domínio do conceito”, registros psicológicos sobre “aprendizagem cooperativa em pequenos grupos” e preocupações sobre a “motivação” e a “autoestima” das crianças. A “ciência”, a “matemática”, a “composição” ou a “arte” escolares são o conhecimento pedagógico que se adapta às expectativas relacionadas ao

¹ A argumentação teórica e o material empírico deste artigo são empréstimos de uma pesquisa de mestrado em andamento. As proposições feitas são geradas no grupo de pesquisa “Currículos Escolares, Ensino de Ciências e Materiais Didáticos”, do NEC – Laboratório do Núcleo de Estudos Curriculares da Faculdade de Educação da UFRJ.

² Nos referimos às categorias sobre uso prejudicial, uso neutro e uso benéfico de animais (TRÉZ, 2015).

horário escolar, às concepções sobre a infância e às convenções do magistério que transformam o conhecimento e a investigação intelectual em uma estratégia para controlar a “alma” (POPKEWITZ, 2001, p. 35).

A alquimia que produz confinamentos discursivos age na moralidade, na construção de valores esperados, portanto, na subjetivação dos indivíduos. Mas não apenas dos indivíduos humanos. Os discursos sobre os animais não são meramente linguagens ou conteúdos alquimicamente transformados. Esses discursos partem de processos produtivos de poder pelos quais práticas são mobilizadas, em que diferentes padrões históricos se associam e constroem princípios que governam o que se pode dizer, pensar e fazer entre animais.

Estando explicitadas tais proposições teóricas, o objetivo deste trabalho é compreender como a comunidade discursiva (JAEHN e FERREIRA, 2012) do ensino de Ciências e Biologia vêm construindo espaços de confinamento para animais. A análise da comunidade discursiva se dará por meio de produções bibliográficas do campo do ensino de Biologia e Educação em Ciências. Essas produções acadêmicas compõem o conjunto de 20 artigos selecionados como parte da fonte empírica de um trabalho mais amplo³. Selecionamos aleatoriamente cinco⁴, em meio aos vinte artigos encontrados, para uma análise preliminar.

A partir de suas leituras e guiados por uma perspectiva teórico-metodológica discursiva (FISCHER, 2001), cinco espaços discursivos emergiram e se mostraram como categorias de análise. São eles: o **ecológico**, confinando animais numa trama ecológica; o **profilático**, em meio a contextos de saúde; o **quantitativo**, como um marcador dos animais invertebrados; o **experiential**, enquanto um duplo⁵ que assume ora uma perspectiva mais científica, ora mais pedagógica, e por fim, o **teórico/prático** como espaço de disputa pelo “bom ensino” sobre animais. Por meio dessas categorias-espaço, tecemos nossas considerações sobre o confinamento de animais no contexto escolar de Ciências e Biologia.

O confinamento dos animais em práticas pedagógicas

A Ecologia como uma trama

Todos os artigos analisados evidenciaram, em diferentes graus, uma abordagem ecológica em relação aos animais. Discursos sobre o modo de vida, relações interespecíficas, biodiversidade, ciclo de vida e conservação da natureza circularam por essas produções e nos apresentaram a ecologia enquanto um dos espaços pelos quais animais são vistos e escrutinados.

³ Esses trabalhos foram selecionados a partir da busca nas bases de dados da SciELO, Portal Periódico CAPES, Revista de Ensino de Biologia (RenBio), Revista Ciência & Educação (Bauru); Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências e na Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC), através das palavras-chave: animais, zoologia, fauna, animais livros didáticos, zoologia livro didático, material didático animal, animais ensino de biologia, ensino de zoologia, animais recurso didático.

⁴ São eles: Uso de cupins (Isoptera: Insecta) como ferramenta no ensino de Ciências e Educação Ambiental (JUNIOR, SANT'ANA e DOS SANTOS, 2016); Proposta para o ensino de zoologia dos vertebrados a partir de paródias (ALMEIDA, OLIVEIRA e AQUINO, 2017); A observação de joaninhas [*Harmonia axyridis* (Pallas, 1773), Coleoptera, Coccinellidae] como ferramenta de alfabetização científica em uma Escola de Educação Infantil (LOPES et al, 2018), O ensino de zoologia em escolas da Superintendência Regional de Ensino de Caratinga/Minas Gerais (MOREIRA e MATOS, 2020) e Contribuição do jogo didático “Conhecendo os invertebrados” para o ensino de Biologia (ROMANO, SOUZA e NUNES, 2020).

⁵ De acordo com Popkewitz (2001, p.53) "o 'duplo' toma a ausência da razão na criança e a refaz como uma presença positiva a ser esperada pela instrução cuidadosa e criteriosa". Podemos pensar que "pares duplos" situam aqueles que habitam determinado espaço, em pólos pelos quais serão normalizados, deslocados para atingir a norma.

Múltiplos discursos que circularam nas aulas sobre joaninhas (LOPES et al, 2018), produziram um espaço no qual, a partir de um Coleóptera, o foco se tornou impulsionar a motivação, a autoestima e o entusiasmo das crianças. Ainda que o estudo fosse sobre o ciclo de vida desses insetos, a alquimia que produziu a priori conhecimentos sobre joaninhas, modulou moralmente certas crianças. Percebemos isso quando a professora diz que “a experiência foi válida para a sua formação como docente e surtiu grande efeito nas crianças, promovendo o aumento da autoestima e o entusiasmo do grupo” (LOPES et al, 2018, p. 26).

Essa joaninha que participa da prática é entendida num espectro universal. Ela não é diferenciada como ser vivo ao compor o arranjo pedagógico dessa aula. Nessa rede discursiva, ela faz parte de um cenário ecologicamente “correto” e “esperado” para esse tipo de experiência. Ou seja, nos acontecimentos previstos para essa aula, a joaninha não assume um lugar de protagonista ou é vista de igual para igual em relação às crianças. Ela está confinada num espaço em que representa a trama de relações ecológicas e a possibilidade do desenvolvimento dos valores da infância.

A “valorização da natureza” se mostrou como um discurso normalizador desse espaço. Se por meio de práticas com animais é que se compreende a natureza e a necessidade de “conservar” e “valorizar”, são por vias similares que joaninhas são colocadas em potes e levadas para a escola pelas crianças. Por um lado, poderíamos pensar nas normas científicas que permeiam atividades com animais, autorizando a coleta e captura dos mesmos. Por outro, nas perspectivas pedagógicas que estão atravessando essas atividades e sancionando esse confinamento.

Olhemos então para os cupins como ferramenta para o ensino de Ciências e Educação Ambiental (JUNIOR, SANT'ANA e DOS SANTOS, 2016). À medida que o ensino se voltava para “preservação” e a consideração ecológica desses insetos, essa “preservação” também se tornava a necessidade de capturar e conservar esses animais “para que as crianças pudessem manipular os cupins na bandeja” (idem, p. 57). Algumas questões de “valores” e de “formação” do âmbito pedagógico atravessam essa prática que é manipulativa, mas que ao mesmo tempo constrói afeto, relações de curiosidade, observação e outras perspectivas pedagógicas e psicológicas desejáveis nos alunos. Isto é, mexer no cupim com a pinça está carregado de poder e de normas científicas, tal qual, essa manipulação está carregada de discursos e aspectos (curiosidade, experiência humana, cuidado, superação do medo, coordenação motora) que moralizam as crianças.

Ainda no contexto ecológico, observamos discursos relacionados com a biodiversidade animal. Trabalhos como o de Gomes (2008) demonstram que a “fauna brasileira” assumiu em determinados momentos históricos ora um valor natural, ora um valor econômico para a nação. Percebemos a “fauna brasileira” como um feixe discursivo que desloca os animais dentro do espaço ecológico de confinamento. Ser “riqueza monetária” ou “riqueza ambiental” demonstra certa fluidez nos modos como esses animais são encerrados nesse espaço. Essas maneiras de expressar a “fauna brasileira” seguem fluxos discursivos muitas vezes distintos, mas que se chocam na dinâmica das práticas educativas. Nesse momento de colisão, “valorizar a fauna brasileira” carrega aspectos pedagógicos que marcam o “bom ensino” sobre biodiversidade animal (interdisciplinar e contextualizado) e também constituem os estudantes enquanto sujeitos morais, “desenvolvendo autonomia, reflexão, a liberdade de expressão e o raciocínio científico” (MOREIRA e MATOS, 2020, p.136).

Contextos de saúde

Entrar nesse espaço para compreendê-lo implica considerar tradições de ensino ligadas ao contexto científico, a finalidades educacionais, a lutas relacionadas à erradicação de doenças, entre outros discursos que compõem essa espacialidade.

No trabalho sobre joaninhas, a saúde aparece ligada a concepções positivas em relação ao que foi estabelecido entre as crianças e os insetos. Numa promessa de futuro, essas práticas proporcionariam benefícios para a saúde física e mental humana (LOPES et al, 2018). Ao habitar esse espaço, os animais assumem um gesto dúbio. Por um lado, estão confinados enquanto aqueles que possibilitam benefícios para a saúde das crianças, regulando o desenvolvimento de sentimentos sobre “pertencimento” e “valorização pessoal” a partir do aprendizado com os mesmos⁶. Por outro, surge seu abjeto, o animal confinado enquanto perigo, que pode prejudicar ou causar doenças. A escolha de joaninhas pelo fato de “não causarem queimaduras ou irritações” (idem, p.22) ou dos cupins que “não oferecem riscos à saúde” (JUNIOR, SANT'ANA e DOS SANTOS, 2016, p. 56) funcionam como distinções que separam esses animais dos “outros”.

Tais distinções podem ser entendidas como formas de raciocínios construídas pela mistura alquímica de inúmeros discursos sobre os conhecimentos zoológicos. Desde os estudos sobre fisiologia e ecologia de animais até os discursos pedagógicos sobre o “cotidiano do aluno” ou de uma educação profilática⁷, elaboram esse espaço no qual os animais são vistos e nos vêm numa relação de risco, contaminação, de atenção constante.

No trabalho de Moreira e Matos (2020), é percebido que abordagens morfofisiológicas e a relação dos animais com doenças e zoonoses são predominantes em relação às de contextualização ecológica e evolutiva. Isso corrobora com a ideia da saúde como uma espacialidade muito própria que, mesmo trazendo feixes discursivos ecológicos, configura uma forma de confinamento distinta da maneira como ecologicamente os animais são encerrados.

Quantos são?

Ser o “maior grupo” se apresentou como um registro para os invertebrados. A quantidade, que pode assumir uma perspectiva de biodiversidade (enquanto riqueza de diferentes categorias biológicas e abundância dessas categorias), também se expressa associada ao discurso pedagógico do “cotidiano” e de uma “formação cidadã” que prepare estudantes para aplicar conceitos e utilizá-los para bem social, ecológico e econômico da sociedade que convive com esses numerosos animais⁸.

Conceber esses animais como pertencentes ao “maior grupo” é um efeito de poder, é mais do que uma maneira de classificá-los. A quantidade se assume como um sistema de raciocínio

⁶ Percebemos isso quando a professora diz que “as crianças adquiriram conhecimento sobre o ciclo de vida das joaninhas e sentiram-se valorizadas ao transmitirem o que aprenderam aos seus familiares e aos colegas das outras classes da escola. Passaram a valorizar o meio ambiente e a buscar novas experiências ao ar livre” (LOPES et al, 2018, p. 31)

⁷ Podemos usar como exemplo desses discursos, o trecho do trabalho sobre jogos didáticos e invertebrados, que diz ser “essencial incluí-los no ensino escolar pelo fato dos invertebrados estarem presentes no cotidiano dos alunos, uma vez que, dentre outros motivos, certos organismos são causadores ou vetores de doenças que podem nos atingir” (ROMANO et al, 2020, p.329).

⁸ Ao expor que os invertebrados “compõem mais de 99% das espécies de animais, sendo fundamental compreender e aprender sobre suas características para aplicar esses conceitos e utilizá-los a favor da sociedade, pois tais organismos interagem ecologicamente, economicamente e socialmente” (ROMANO et al, 2020, p. 329), percebemos a configuração de determinadas moralizações.

(POPKEWITZ, 2001) que normaliza, individualiza e separa esses animais dos “outros” menos numerosos, maiores em tamanho, mais próximos dos humanos filogeneticamente. O raciocínio sobre esses animais enquanto um “grande grupo” possibilita, de certo modo, controle.

O que tem a ver esse discurso quantitativo com a garantia de que algumas coisas sejam possíveis dentro das nossas aceitações? Esse espaço da “quantidade” ampara determinadas práticas experimentais, de ensino, o uso de pesticidas e agrotóxicos no combate às numerosas “pragas”, bem como, pode produzir raciocínios sobre a valorização da biodiversidade e de uma “formação cidadã” sustentável. Talvez, a pergunta que façamos ao “grande grupo” seja: **Quem** são esses numerosos animais sem coluna vertebral?

O duo “experiência”

A ideia de que a observação de pequenos animais em sala de aula pode proporcionar experiências educativas importantes, ou de que essas experiências garantem uma “melhor formação” docente (LOPES *et al*, 2018), nos faz perceber a configuração de outro espaço no qual humanos e outros que humanos estão confinados.

Como exemplo, podemos considerar que na educação infantil há uma sobreposição da experiência (experimentação) do ensino de ciências, com a experiência (construção de valores) da criança. Procurar por joaninhas (observação), conseguir capturá-las (manipulação) e trazer para a escola (coletividade) fazem parte de tradições do contexto científico e do ensino de Biologia, mas, configuram uma experiência própria da infância. Desse modo, a “experiência” é a forma pela qual a joaninha é confinada para possibilitar a imaginação, as sensações, o brincar e o desenvolvimento de autoconfiança da criança. Ao mesmo passo, essas crianças e professora são normalizadas, deslocadas para atender normas sobre um “bom ensino” e uma “boa formação”, dividindo as que “fracassaram” das que tiveram “sucesso” nessa “experiência” com e sobre joaninhas (LOPES *et al*, 2018), cupins (JUNIOR, SANT'ANA e DOS SANTOS, 2016, p. 56) e outros animais.

Teoria versus prática?

A teoria/prática se mostrou como um par duplo (POPKEWITZ, 2001), em que o animal fica confinado à possibilidade do professor “sair” da aula teórica. Enquanto a teoria estaria operando num lugar em que não é possível ensinar “tudo” sobre os animais, a prática é entendida como o escape, a atração, a inovação diante de aulas “tradicionais”. Nesse espaço discursivo, a ideia de que a prática sobre animais precisa acontecer dentro ou próximo aos moldes de experimentação científica, se choca com proposições pedagógicas.

Percebemos isso quando vemos que “professores que não realizam as aulas práticas justificam, entre outras coisas, a falta de laboratório, materiais e espaço inadequados para tal fim” (MOREIRA e MATOS, 2020, p. 126). Esse espaço adequado diante de normas científicas atua como marcador para o “bom ensino” com animais. No entanto, as proposições de aulas práticas por jogos, vídeos, maquetes e fora do espaço laboratorial se mostram como outra estratégia nessa disputa para se alcançar esse “bom ensino”. De certo modo, as práticas sem animais não são tidas como legítimas o suficiente para aproximarem o ensino de Ciências e Biologia das tradições científicas.

Além disso, essa “prática” assume aspectos psicológicos e pedagógicos da infância e juventude. Disposições relacionadas à ideia de que jovens aprendem mais com coisas práticas e de que as crianças lidam melhor com o lúdico, também guiam essas estratégias de escape e inovação. Esse confinamento na relação teoria/prática é, também, porque pedagogicamente é

considerado que os animais fazem parte de experiências da prática que formam as crianças, de um modo menos teorizado e mais voltado para a praticidade na resolução de problemas.

Considerações finais

Os espaços discursivos apresentados fazem parte de um primeiro movimento que vem sendo construído a partir de uma leitura detalhada dos trabalhos analisados, e que busca fazer emergir discursos que constituem os animais outros que humanos em meio a produções acadêmicas sobre os currículos escolares de Ciências e Biologia. Desse modo, com base em Popkewitz (2001) procuramos levantar, analisar e categorizar discursos que fabricam os espaços de confinamento para os animais e suas relações formativas com os estudantes e professores da escola básica.

No esforço de construção desse processo de análise discursivo, chegamos a cinco abordagens – ecológica, profilática, quantitativa, experiencial e teórico/prática – produzidas pelos trabalhos analisados em suas relações tanto com discursos do campo científico das Ciências Biológicas como também com aqueles do campo do ensino de Ciências e Biologia. Consideramos que, sejam animais humanos ou não, esses são normalizados e forjados por discursos que circulam em práticas pedagógicas. Depositamos nossos esforços na melhor compreensão e contextualização desses espaços de confinamento por acreditarmos haver nuances outras, que podem nos dar pistas ou caminhos para entender os animais que têm sido produzidos espaço-temporalmente no certame curricular.

Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

- FAUSTO, J. de S. C. **A cosmopolítica dos animais**. Rio de Janeiro, 2017. 300 p. Tese de doutorado. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001
- GOMES, M. M. **Conhecimentos ecológicos em livros didáticos de Ciências: aspectos sócio-históricos de sua constituição**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- GREIF, S. **Alternativas ao uso de animais vivos na educação pela ciência responsável**. São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2003.
- JUNIOR, L. C.; SANT'ANA, L. P.; DOS SANTOS, C. A. **Uso de cupins (Isoptera: Insecta) como ferramenta no ensino de Ciências e Educação Ambiental**. Revista Elo–Diálogos em Extensão, p.54-59, 2016.
- KONFLANZ, T. L. *et al.* **A real necessidade do uso de animais não humanos in vivo em aulas práticas**. Polyphonia, v. 26/2, jul./dez. 2015.
- LEVAI, L. F. **O Direito a escusa de consciência na experimentação animal**. Pensata Animal, n. 2, 12p, 2010.
- LIMA, A. L. G.; GIL, N. de L. **Sistemas de pensamento na educação e políticas de inclusão (e exclusão) escolar: entrevista com Thomas S. Popkewitz**. Educação e Pesquisa,

v. 42, n. 4, p. 1127-1151, 2016.

LOPES, T. G. G. *et al.* **A observação de joaninhas [*Harmonia axyridis* (Pallas, 1773), Coleoptera, Coccinellidae] como ferramenta de alfabetização científica em uma Escola de Educação Infantil.** Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, p. 20-33, 2018.

MOREIRA, N. S.; MATOS, I. M. de. **O ensino de zoologia em escolas da Superintendência Regional de Ensino de Caratinga/Minas Gerais.** Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, p. 120-140, 2020.

PAIXÃO, R. L. **Experimentação animal: razões e emoções para uma ética.** Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2001

POPKEWITZ, T. **Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor.** Porto Alegre, Artmed, 158 p. 2001.

ROMANO, A. M.; SOUZA, H. M. de L.; NUNES, J. R. da S. **Contribuição do jogo “Conhecendo os Invertebrados” para o ensino de Biologia.** Revista Prática Docente, v. 5, n. 1, p. 325-343, 2020.

SANTOS, T. V. **Apontamentos para novas perspectivas no ensino de Ciências e Biologia: A resignificação do sujeito animal.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 67 p. 2018

TRÉZ, T. A. **A caracterização do uso de animais no ensino a partir da percepção de estudantes de ciências biológicas e da saúde.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 22, n. 3, 2015.